

Fabulações da diáspora: análise de possíveis diálogos entre o romance “Os estandartes” (1995), de Aline França, e a HQ “Black Panther: who is the Black Panther?” (2014) do roteirista Reginald Hudlin e desenhista John Romita Jr.

Fabulations of the diaspora: analysis of possible dialogue between the novel "The standards" (1995), Aline França, and the comic "Black Panther: who is the Black Panther" (2014) screenwriter Reginald Hudlin and draftsman John Romita Jr.

Daniela dos Santos Damasceno¹

RESUMO: Por muito tempo a literatura brasileira esteve ligada as ideologias dominantes e privilegiadas. Desta forma, na sua maioria, as produções literárias brasileiras proliferaram estereótipos e mitos que contribuíram para reprodução da imagem negativa do negro e da sua cultura. No entanto, constituindo-se inversamente às ideologias europeias, a literatura negra surge como forma de (re) apresentar, (re) nomear, (re) posicionar e representar o mundo negro, a partir de um eu enunciativo que fala não apenas do outro, mas também de si mesmo. A partir deste cenário, este artigo tem como objetivo analisar as fabulações da diáspora que revelam o desejo de construir outro mundo, operando por utopias, na medida em que centraliza o homem negro e a sua (s) cultura (s), lançando um olhar ao que está posto e ao que poderia ser. Portanto, toma como base o método comparatista para a elaboração de possíveis diálogos entre a HQ “Black Panther: who is the Black Panther?” (2014), dos autores Reginald Hudlin e John Romita Jr, e o romance “Os Estandartes” (1995), de Aline França. Ademais, tenta identificar possíveis utopias presentes na sociedade dos Fortiafri e no reino fictício de Wakanda, propondo uma reflexão acerca da reinvenção da(s) África(s) e da reparação histórica a todos os territórios e populações negras espoliadas pelo racismo e intolerância em todo o mundo.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura Negra; Fabular; Diáspora; Utopia; Heróis negros.

ABSTRACT: For a long time Brazilian literature the dominant and privileged ideologies was linked. Thus, the majority of Brazilian literary productions proliferated stereotypes and myths that have contributed to the negative image of black reproduction and culture. However, being inversely to European ideologies, the black literature emerges as a way to (re) present, (re) name, (re) position and represent the black world, from a I annunciator talking not just another but also himself. From this scenario, this article aims to analyze the fabulations of the diaspora that reveal the desire to build another world, operating for utopias in that it centralizes the black man and his (s) culture (s), with a glance to what is laid and what could be. Therefore, builds on the comparative method for the preparation of possible dialogue between comics "Black Panther: who is the Black Panther" (2014), the Reginald Hudlin and John Romita Jr authors and the novel "Os estandartes" (1995), Aline France. Moreover, attempts to identify possible utopias present in society of Fortiafri and in the fictional kingdom of Wakanda, proposing a reflection on the reinvention of the (s) Africa (s) and historical reparation to all territories and black populations dispossessed by racism and intolerance throughout the world.

KEYWORDS: Black literature; Fable; Diaspora; Utopia; Black heroes.

¹ Graduanda do 7º semestre do curso de Letras, Licenciatura Língua Inglesa e Literaturas pela Universidade do Estado da Bahia. Campus II. Bolsista do programa de Iniciação científica da UNEB. Orientada pelos professores Dr. Manoel Barreto Júnior e Dr. Silvio Roberto Oliveira. E-mail: danisrad2014@hotmail.com

Introdução

Apesar dos avanços relacionados às pesquisas, investigações e estudos das histórias e sociedades africanas, muitos indivíduos tratam a África de forma preconceituosa. Isto porque, as distorções, e representações eurocêntricas elaboradas sobre a África, são partilhadas ainda na sociedade contemporânea e conseqüentemente apropriadas por milhares de pessoas. Através das imagens e informações contidas nos livros, das ideais que circulam pelos diversos meios de comunicação e da mídia em geral, a tradição racista resume a África a doenças, fome, misérias, e as diversas fragilidades, seja econômica e/ou política.

Desta forma, por muito tempo as produções literárias brasileiras estiveram ligadas às ideologias dominantes e privilegiadas, proliferando estereótipos e mitos que contribuíram para reprodução da imagem negativa do negro e da sua cultura. Contudo, constituindo-se inversamente a essas ideologias, a literatura negra surge como forma de (re)nomeação do mundo, em que escritores se apropriam da palavra poética a fim de sentir, entender, reinventar e (des)contar um tempo que é pretérito e é presente. Assim, os escritos negros buscam afirmar sua etnicidade e atualizar signos-lembranças que inscrevem o corpo negro em uma cultura específica. Como assinala a autora Evaristo no trecho que segue:

A literatura negra nos traz a revivência dos velhos *griots* africanos, guardiões da memória, que de aldeia em aldeia cantavam e contavam a história, a luta, os heróis, a resistência negra contra o colonizador. Devolve-nos uma poética do solo, do homem africano, transplantada, reelaborada nas terras da diáspora. Sendo assim, apropriar-se de sua história e de sua cultura, reescrevê-la segundo a sua vivência, numa linguagem que possa ser libertadora, é o grande desafio para o escritor afro-brasileiro. Ele escreve se comunica através de um sistema linguístico que veio aprisioná-lo também, enquanto código representativo de uma realização linguística da cultura hegemônica. (EVARISTO, 2004, p. 136).

Mais especificamente, autores demarcam linhas fundamentais dessa literatura; como exemplo, Aline França. Suas obras contribuem para examinar fatos sociais, históricos e políticos, mas também servem de difusão da memória e da afirmação da identidade negra. Ademais, lança um olhar ao que está posto e ao que poderia ser, na medida em que reelabora ideias e imagens culturais negras. Nesse sentido, instiga o leitor a observar a realidade presente e a projetar o mundo de amanhã, na medida em que o

leva a retornar ao passado em busca de elementos legitimadores da nova realidade, de heróis fundadores e feitos maravilhosos no processo de reelaboração das identidades negras. Desse modo, como assinala a autora Conceição Evaristo (2004):

A palavra poética é um modo de narração do mundo. Não só de narração, mas talvez, antes de tudo, de revelação do utópico desejo de construir outro mundo. Pela poesia, inscreve-se, então, o que o mundo poderia ser. E, ao almejar um mundo outro, a poesia revela o seu descontentamento com uma ordem previamente estabelecida. Para determinados povos, principalmente aqueles que foram colonizados, a poesia torna-se um dos lugares de criação, de manutenção e de difusão de memória, de identidade. Torna-se um lugar de transgressão ao apresentar fatos e interpretações novas a uma história que antes só trazia a marca, o selo do colonizador. É também transgressora ao optar por uma estética que destoa daquela apresentada pelo colonizador. (EVARISTO, 2004, p. 03).

Desta forma, através da mentalidade utópica algumas escrituras negras refletem a necessidade de reparação, na medida em que centraliza a cultura negra e não apenas extrapola a ordem, mas incorpora nos grupos sociais oprimidos a capacidade de revolucionar a ordem; isto é, mudar o existente. Portanto, a utopia não está simplesmente vinculada ao “não existente”, isto é, desvinculada no real, mas se constitui a partir da negação do mesmo. Ademais, torna-se espaço não apenas de reinvenção, e resposta às estigmatizações, mas também de criação de um perfil que divergi da imagem alimentada pela violência colonial, que consequentemente propaga discriminação e racismo.

Partindo desses pressupostos, o presente artigo tem como objetivo analisar utopias negras, tomando como base o método comparatista para elaboração de possíveis diálogos entre o romance “Os estandartes” (1995), da escritora Aline França, e a HQ “Black Panther: who is the black panther?” (2014) do roteirista Reginald Hudlin e desenhista John Romita Jr. Além disso, analisa a forma como ambas obras se correlacionam ao interrogarem mesmo que inconscientemente as ditas verdades postas pelos documentos produzidos por historiadores, cronistas e discursos diversos sobre o passado africano.

Aline França: vida e obra

Uma das protagonistas da literatura negra feminina é Aline França. Seus textos ficcionais residem em um protagonismo feminino (frequente), negro e baiano. A escritora nasceu em Teodoro Sampaio-Ba no ano de 1948 e, apesar de trabalhar com seus pais na agricultura mesmo quando criança, sempre se dedicou à escrita. Na década de 70, ingressou como funcionária da Universidade Federal da Bahia e, no ano de 1982, após ser eleita em Salvador-Ba suplente de um vereador, integrou comissões julgadoras em vários concursos como “Miss Afro-Bahia” (1982) e “Festival de Música Popular” (1985).

A autora participou da antologia “Poetas baianos da negritude” com o texto “Mensagens dos nossos ancestrais” no ano de 1982. Além de realizar palestras no âmbito nacional, no ano de 1990, França proferiu palestras na Bélgica e participou de seminários organizados por associações femininas europeias e latino-americanas. Dentre suas obras literárias individuais estão a novela “Negão Dony”, lançada em 1978, e o livro “A mulher de Aleduma” (1985), que narra a história de uma ilha onde os negros descendentes do velho Aleduma vivem em harmonia e singeleza até que brancos tentam transformá-la numa atração turística. No livro, as populações africano-brasileiras são engrandecidas, apontando o pertencimento cultural negro e afirmação da identidade negra.

O terceiro livro publicado por França no ano de 1995 foi “Os estandartes”, que narra a força cultural de um povo denominado *fortiafri* e os mistérios dos seus estandartes, ao tempo em que explicita outras formas de pensar a cultura e a ancestralidade negra e de compreender também a natureza. A obra foi adaptada para o teatro e apresentada durante as comemorações pelos 300 anos de Zumbi dos Palmares. Em 2005, França publicou sua obra “Emoções das Águas”, que também foi adaptado ao teatro com o nome “As Fontes Antigas de Salvador e Seus Convidados”.

Embora nosso foco de interesse esteja voltado à escritora, segue uma contextualização da carreira dos outros artistas:

Reginald Hudlin é um escritor americano, além de diretor de cinema e produtor. Enquanto estudante de graduação na Universidade de Harvard, Hudlin dirigiu um curta-metragem intitulado “House Party”, que passou a receber inúmeros prêmios, incluindo o primeiro lugar no Prêmio “Sociedade Negra no cinema americano”, que lhe serviria como base para seu primeiro filme de mesmo nome. Além disso, por dois anos ele foi o produtor executivo do “NAACP Image Awards”, que tem a classificação mais alta na NBC em 2013,

e tornou-se o show mais bem cotado na história da TV One em 2014. Dentre os seus escritos está a série e HQ da Marvel Comics “Black Panther” 2005-2008. O roteiro criado por Hudlin deu início a uma era de ouro do Pantera Negra, pois foi na época em que o personagem se tornou famoso entre os fãs de quadrinhos. O artista escolhido para dar vida ao personagem e aos traços na série e também na HQ “Black Panther: who is the Black Panther?” foi John Romita Jr.

John Salvatore Romita Jr. é um artista de histórias em quadrinhos americano, mais conhecido pelo seu extenso trabalho para a Marvel Comics entre as décadas de 1970 a 2000. Romita começou sua carreira na Marvel UK, fazendo desenhos para as capas de reimpressões, e teve como inspiração seu pai John V. Romita Sr, o co-criador de diversos personagens famosos da Marvel Comics, como o Capitão América, o Demolidor e em especial do Homem-Aranha, entre 1960 a 1970. A popularidade de Romita Jr começou com a sequência de histórias na revista de “Homem de Ferro”, com o escritor David Michelinie e o artista Bob Layton, iniciada em 1978. No início dos anos 80, ele teve sua primeira sequência regular para a série “Amazing Spider-Man”, além de ter sido o artista responsável pela história de estreia de “Cristal”, a heroína mutante.

Os Fortiafri e os Wakandanos

O romance “Os estandartes” (1995) narra a história de um povoado denominado “Kanda”, e dos seus moradores, que transitam entre diferentes espaços, representando a junção de mundos diferentes, de outros planetas, de terras estranhas, de realidades cotidianas às desconhecidas e extraordinárias. O início do enredo demarca a marca da exploração vivenciada por alguns moradores daquele povoado, mas também, a resistência e empoderamento dos seus guerreiros. Assim, com o intuito de afirmar seus valores ancestrais, em “Os estandartes”, a autora cria heróis negros que possuem inteligência e habilidades superiores, sendo sempre evocados e rememorados pelos demais personagens.

Desta forma, à medida que autora re(conta) feitos de povos africanos e diaspóricos, destaca-se a força cultural do povo de Batum, os denominados “Fortiafri”. De certa forma, o nome é um símbolo que representa várias realidades de luta. Antes da chegada dos europeus, os povos do continente africano estavam organizados em

diferentes clãs e reinos, de modo que havia grande diversidade cultural entre eles, notadamente nos aspectos físicos, costumes, crenças, integrantes etc. Apesar das divergências notadamente claras presentes nas regiões do continente africano, aos cartagineses que povoavam na época da Roma antiga foram atribuídos o nome AFER, que derivaria a palavra África, termo este que se aplicou a todo conjunto do continente. Ademais, embora já os conhecessem com o nome de “Afri” (africanos), os romanos deram a algumas populações, em especial aos berberes, povo do Norte da África, um nome mais ou menos equivalente a “bárbaros”.

Nesse movimento, ao longo do tempo os europeus emprestaram quase sempre um aspecto de inferioridade aos povos das várias regiões africanas, e os designaram nos últimos degraus da evolução das ditas “raças” humanas. As interpretações racistas, impregnadas de estereótipos recobriam a África de falsas e simplistas atribuições, o que resultou em desprestígio, desconhecimento e representações eurocêntricas ainda partilhadas na sociedade contemporânea, sejam através dos livros didáticos, da mídia, ou dos diversos meios de comunicação. Assim, é possível que o termo “fortiafri” foi utilizado por Aline França como forma de renomeação e reinvenção dos povos denominados antes pelos colonizadores como “Africanos”, tendo em vista que ressalta a autonomia e força do povo negro, (re)significando e reelaborando a identidade negra. Eis um trecho em que Kaitamba narra a história dos fortiafri:

E então os fortiafri que aqui viviam, eram um povo cheio de coragem. Batum, um filósofo, quero dizer, um grane pensador, recebia a iluminação dos aspectos solares, e com isso adquiria ideias. Procuravam combater todos os tipos de preconceitos. Sabiam que os povos estavam atravessando dificuldades. Pois é, pegaram seus estandartes e rumaram pra terras desconhecidas. E entraram na luta. Retornaram a Kanda, mas não deixaram de ficar atentos aos conhecimentos do mundo. O lugar secreto em que se reuniam fica atrás da Garganta das Setes Luas. A jovem Zumma, por exemplo, quando chegava das grandes lutas, ficava vários dias andando pela floresta, dizia que a energia das plantas e a temperatura dos animais davam-lhe ideias e coragem. Comprovaram nas grandes assembleias, que o homem irá perder o controle do mundo, nem mesmo a tecnologia irá fazer o homem moderno solucionar os seus problemas, que serão graves: a fome o desemprego. Tudo que faz a vida. A insensibilidade irá crescer dentro de cada um. (FRANÇA, 1995, p. 44-45).

Os fortiafri são um povo de todos os lugares, mas se reúnem no espaço que a autora Aline França resolveu denominar como atrás da “Garganta das Sete Luas”. O simbolismo no termo “Garganta das Sete Luas”, utilizado para designar a passagem secreta para se chegar ao povo fortiafri, é evidente. A utilização do símbolo “sete luas” pode representar no contexto da narrativa o fim de um ciclo e o começo de um novo, isto é, renovação e mudança para o indivíduo que consegue realizar a travessia. Com base nessa perspectiva, as “sete luas” demarca o período necessário para se chegar até os fortiafri, atrás da “Garganta das Sete Luas”. Além disso, segundo Zago (1979), o número sete tem grande importância simbólica para o mundo dos cristãos e para outras mitologias. Como exemplo, segundo a bíblia, a criação do mundo durou seis dias, e no sétimo dia Deus descansou, é o dia de coroamento da criação, é o dia em que o ciclo se encerra em sua perfeição.

No trecho que segue, o personagem ressalta as dificuldades enfrentadas, com a intenção de explicitar sua experiência ao povoado de Kanda e o porquê de não ter feito a travessia: “Foram dias e noites rio acima. Querem mesmo saber de uma coisa? Foram dias de escuridão e silêncio, e a chuva estava presente quando o ar ficava morno. E, num entardecer, desci o rio remando mansamente, lutei com dignidade, enfrentei as águas sem olhar para trás.” (FRANÇA, 1995, p. 33). O personagem Cajimba não alcançou o objetivo inicial, seus dias foram sem luz, seus instintos não foram vencidos, e consequentemente a lua não deu lugar ao sol, a luz, ao centro, isto é, aos Fortiafri.

No enredo, os fortiafri aparecem como heróis míticos e tem por missão alertar o mundo obre a espiritualidade e preservação da natureza. Além disso, ao lutarem por melhor condição de vida seus atos demarcam solidariedade ao outro e esperança por um mundo melhor: “O fortiafri continuava em pé no topo da pedra, com braço erguido e punho fechado, quando o trovão surgiu forte. Ele se jogou nas águas nadando rio acima.” (FRANÇA, 1995, p. 32). O gesto do fortiafri ajuda-nos a esclarecer o posicionamento a respeito de alusões que estabelecemos anteriormente. O punho fechado e erguido por parte dos fortiafri é um gesto simples, mas que possui significado quando relacionado a movimentos e lutas por parte dos negros, constituindo-se linguagem a ser explorada. O gesto é símbolo do Partido Negro Revolucionário estadunidense, originalmente chamado “Black Panther Party”, fundado em 1966, atuando inicialmente na região de Oakland, Califórnia.

O partido dos Panteras Negras tinha por finalidade inicial proteger os “guetos negros” e os seus residentes dos atos de brutalidade da polícia. Dessa forma, suas principais atividades relacionavam-se com o monitoramento da polícia, via obstrução e denúncia do racismo, e infração dos direitos civis, além da denúncia da violência dos órgãos de segurança, e a intimidação, seja física ou através de mobilizações públicas. No entanto, suas ações seguiram na perspectiva de resolver problemas na sociedade, em especial os provenientes da desigualdade, preconceito e discriminação racial, que impediam a participação dos negros no sistema político, cultural, social e educacional.

Segundo Chaves (2015), apesar do partido vincular-se ao projeto de busca da unidade e orgulho racial, característico da negritude, a FBI (Federal Bureau of Investigation), associou o partido dos Panteras Negras a um programa racista, fascista, intolerante e separatista, que justificaria, em segurança as ameaças à segurança nacional, a campanha de época da destruição dos Panteras. Contudo, um estudo realizado por Joshua Bloom e Waldo E. Martin Jr (2013), acerca dos direitos civis e movimentos sociais, demarca que os Panteras negros buscaram ser essencial e verdadeiramente antirracistas. Dessa forma, ao fechar e erguer o punho, os fortiafri rememoram os inúmeros negros que lutaram contra a opressão e afirmam a continuidade da luta por liberdade. O gesto que não se resume apenas a uma saudação, expressa unidade, força, apoio e resistência.

Assim como no romance “Os estandartes”, em que a autora Aline França coloca seu ponto de vista criando heróis negros, na HQ denominada “Pantera Negra: quem é o pantera negra?” (2014), os autores Reginald Hudlin e John Romita Jr narram através dos quadrinhos a história do primeiro super-herói negro, criado por Stan Lee e Jack Kirby, intitulado “Pantera Negra”. Assim, o herói é visto por muitos como um dos ícones culturais mais importantes da Marvel, pois surge nos auge dos movimentos negros na busca dos direitos civis nos EUA. Partindo desses pressupostos é possível que o título pantera negra rememore e conseqüentemente homenageie o Partido dos Panteras Negras, anteriormente citado. Contudo, a história do Pantera Negra T’challa apresenta forte viés político, lidando, entre outras coisas, com o protecionismo africano e relações internacionais do ocidente num mundo pós-colonial.

Conforme Dirlik (1994), o discurso pós-colonial busca superar a crise de entendimento produzida pelo poder resultante do processo colonizatório, revertendo,

deslocando e redimensionando o aparato de conhecimento da dominação ocidental. Dessa forma, busca-se redefinir as imagens alimentadas pela violência colonial e conseqüentemente geradoras de discriminação. Nesse sentido, a narrativa de Hudlin instiga combater com aquilo que diminui e escraviza, pois desconstrói a história do colonizador, reconstrói e gera uma nova realidade, à medida que centraliza o país fictício “Wakanda”, constituído por uma sociedade justa, e principalmente autônoma política e economicamente.

Wakanda é um país fictício do continente africano notado por ser totalmente independente de outros países e por nunca ter sido conquistado em toda a sua história, diferente do restante da África que foi explorada e conseqüentemente destruída por outros. Nota-se, portanto, que, apesar de potências como Inglaterra, Alemanha, França, Bélgica, Estados Unidos, União Soviética e outros tantos impérios se apropriarem de porção de terra e recursos africanos, os mesmos nunca foram capazes de invadir Wakanda e conseqüentemente a mesma continuou intacta. Ademais, Wakanda bloqueou não só o domínio completo da África pelos poderes coloniais, mas sua evolução cultural permaneceu inalterada por séculos, estando mil anos à frente dos Estados Unidos, já que podia contar com um dos minerais mais valiosos, o Vibranium.

Na HQ, os poderes coloniais continuavam controlando os territórios africanos por meio de ladrões gananciosos, como Bokassa e Mubutu. Ambos os personagens, se desviam dos ideais igualitários e libertários, aplicando nos seus países um sistema cleptocrático. Desse modo, o principal objetivo resumia-se na extração dos bens comuns da população, ou seja, no roubo do capital financeiro de um país. Pode-se observar que diferente de Wakanda, em que o regente Pantera Negra usa a riqueza do seu país para o desenvolvimento do mesmo, a nação de Niganda sofre com a exploração que beneficia um grupo específico de indivíduos ditos detentores do poder, em especial o seu regente Mubutu.

No entanto, livres do jugo da colonização, os wakandanos preservaram não apenas suas especificidades culturais, mas também criaram um paraíso ecológico e tecnológico que, em comparação fez as outras nações parecerem primitivas. Apesar de não utilizarem o petróleo como fonte de energia ou base financeira, os wakandanos dispõem de outras fontes de energia, mais limpas e baratas, como a luz solar ou até mesmo o hidrogênio, não se aliando a nenhum outro país. Ademais, Wakanda não utiliza

as suas riquezas naturais para enriquecer ou trazer o comércio, mas sim para desenvolver a sociedade e promover melhor qualidade de vida dos seus habitantes.

Wakanda é uma sociedade que não pode ser comprada, nem escravizada. Como exemplo, é possível recordar que, em resposta ao texto pronunciado por um dos personagens (“Sua majestade pagaremos o que quiser pelas suas mercadorias”) o então monarca T’chaka retorna palavras de altivas e convictas: “Elas não estão à venda. Até que o progresso espiritual do ocidente alcance o seu poder tecnológico, seria irresponsabilidade dividir nossas descobertas científicas com vocês” (HUDLIN & ROMITA, 2014, p. 58). As fronteiras de Wakanda são firmemente fechadas e eles se relacionam com o mundo sob seus próprios termos; ou melhor, não se relacionam, não partilham das suas descobertas, nem são influenciados por religiões e políticas externas: “Eu entendo a sua frustração em lidar com um homem negro que não pode ser comprado com um caminhão cheio de armas, um avião cheio de loiras e uma conta bancária na suíça. Mas atenha-se á pouca classe que você tem” (HUDLIN & ROMITA, 2014, p. 59).

A primeira cena da narrativa se passa no século 10, quando uma tribo vizinha caminhando pelas savanas vai à busca da sua próxima conquista, isto é, Wakanda. Mas, antes mesmo de chegarem a pisar em territórios wakandanos, são massacrados através de armadilhas e de outras tecnologias originárias do reino. Ademais, representando a virada do século, a cena seguinte reflete a chegada dos bôeres na África do Sul, e a tentativa dos mesmos em colonizar Wakanda. No entanto, ao se dirigirem a Wakanda, com o intuito de tomar seus bens, são surpreendidos, mortos e mutilados devido ao magnetismo que a tecnologia dos nativos passa a exercer sobre os seus armamentos.

Mesmo se isolando do resto do mundo, Wakanda possui um sistema político muito bem estruturado, cuja figura central reside no rei Pantera Negra, um culto guerreiro que serve como a cabeça militar, religiosa, econômica, e política da nação. O Pantera Negra é eleito a partir de um ritual, uma tradição que surgiu com o primeiro Pantera Negra, o Bashenga. Assim, apesar do título Pantera Negra ser hereditário, isto é, passado de pai para filho, o eleito deve-se provar merecedor do título. Desta forma, uma vez no ano os cidadãos de Wakanda, que treinaram toda a sua vida, tem a oportunidade de desafiar o Pantera Negra e, se vencedor, receber o título e o posto do mesmo. Além dos sentidos humanos expandidos, o novo monarca absorve todas as experiências dos Panteras Negras antecessores, o que resulta em maior sabedoria e conhecimento.

O título Pantera Negra dá ao homem poder, riqueza e a missão de proteger todos os habitantes de Wakanda. Bem politizado, o Pantera Negra atual é o soberano de uma nação africana que conflitua com o governo dos Eua; porém, de certa forma, é o equivalente africano do Capitão América, representando os supostos melhores valores africanos, a personificação dos ideais de um continente. Além disso, o herói é também homem de negócios que lucra com a própria integridade cultural. Eis um trecho:

“[...] mas há muito tempo dinheiro para se ganhar com a miséria. Porque curar uma doença quando as pessoas pagam pelos remédios? Porque fornecer energia barata quando... Nós já entendemos T’Chaka, eu nunca vi um socialista com uma coroa na cabeça, mas acho que existe uma primeira vez” (HUDLIN & ROMITA, 2014, p. 59).

Nesse sentido, o Pantera Negra T’Chaka, pai de T’Challa, era um jogador internacional, ele visitava outros países e conferências apesar de não fazer acordo com outras nações a fim de preservar a riqueza, identidade e continuidade dos wakandanos.

Assim como em Wakanda, em que Pantera Negra insufla no povo a vontade de resistir, no povoado de Kanda os fortiafri são referência de coragem e solidariedade, isto porque o denominado povo de Batum resiste a todo e qualquer tipo de exploração, na medida em que lutam para preservar os conhecimentos dos seus ancestrais. Nesse sentido, a autora Aline França utiliza a ficção como meio para criar um mundo que dá voz aos negros, operando por utopias. França (re) adéqua o imaginário distorcido acerca do negro e centraliza o povo fortiafri, atribuindo-lhe privilégio, admiração e protagonismo. De certo modo, a autora constitui uma civilização ideal em que a harmonia, igualdade e a solidariedade predominam. Como assinala Cassal (2001):

(...) a natureza do herói é sempre a mesma: a luta, o enfrentamento. (...) Falo do herói como uma representação, um signo de ação, conflito, destruição, mudança, metamorfose. Ele faz as coisas acontecerem: decifra segredos, pega em armas, viola virgens, derruba reinos, mata dragões. Destruindo a velha ordem para criar a nova, o herói mostra um caráter fundamentalmente revolucionário, radical, pois não aceita mediações ou contemporizações – é o sujeito da história por excelência. (CASSAL, 2001, p. 8).

O herói centralizado na HQ é o Pantera Negra T’Challa, um homem inteligente, audacioso, que possui moral e conhecimentos científico: “Este é o Tchalla, filho de

Tchaka, rei de Wakanda. Ele é o portador do espírito da pantera e a principal força de uma África emergencial. Tchalla é o pantera negra, e está no centro de um turbilhão que pode destruir tudo que representa” (HUDLIN & ROMITA, 2014, p. 42). T’Challa carrega a marca da injustiça ao ver seu pai sendo assassinado numa conferência de Bilderberg, uma reunião anual dos principais poderes econômicos do mundo, a qual tinha como objetivo tentar negociar parte dos recursos, depósitos de petróleo, curas médicas desconhecidas no mundo ocidental e em especial o Vibranium de Wakanda. Porém, uma vez que ficou claro que não haveria negociação, Ulysses Klaw ou o Garra Sônica, contratado por alguns governantes, entra em cena e mata o Pantera Negra T’Chaka. O assassino é imediatamente atingido por um tiro de T’Challa, que mesmo pequeno já se demonstrava merecedor do espírito da pantera. Desse modo, a sobrevivência de T’Challa garante a felicidade vindoura, afinal ele vai salvar os wakandanos do caos.

Assim como a ilha de Tomas More é um lugar em que a sabedoria e a felicidade do povo decorrem de um sistema social, Wakanda e o lugar em que os Fortiafri se reúnem, atrás da “Garganta das sete luas”, são lugares imaginários e perfeitos, na medida em que carregam características de um espaço irreal, onde tudo é adorável. Segundo o filósofo Karl Mannheim, “um estado de espírito é utópico quando está em incongruência com o estado de realidade dentro do qual ocorre” (1986, p. 216). É o caso de Wakanda e da sociedade formada com os Fortiafri, nos quais, ao contrário da nossa realidade, não havia problemas, nem crimes e, quando ameaçados, habitantes seus agiam de forma a remover o problema. Em ambas as sociedades reinava harmonia, até a chegada do homem branco, que é, nessas narrativas intérpretes da história, a marca da “corrupção”. Eis a seguir uma reflexão acerca da mentalidade utópica sob pressupostos de Mannheim (1967):

O conceito de pensar utópico reflete a descoberta oposta à primeira, que é a de que certos grupos oprimidos estão intelectualmente interessados na destruição e na transformação de uma dada condição da sociedade que, mesmo involuntariamente, somente vêem na situação os elementos que tendem a negá-la. Seu pensamento é incapaz de diagnosticar corretamente uma situação existente da sociedade. Eles não estão absolutamente preocupados com o que realmente existe; antes, em seu pensamento, buscam mudar a situação existente. Seu pensamento nunca é um diagnóstico da situação; somente pode ser usado como uma orientação para a ação. Na mentalidade utópica, o inconsciente coletivo, guiado pela representação tendencial e pelo desejo de ação, oculta

determinados aspectos da realidade. Volta as costas a tudo que pudessem abalar sua crença ou paralisar seu desejo de mudar as coisas” (MANNHEIM, 1976, p. 66-67).

Como característico das histórias de super-heróis, uma ameaça surge através de uma equipe de invasão a Wakanda, liderada por Ulysses Klaw ou o Garra Sônica. O vilão Ulysses Klaw é motivado não apenas por ser contratado a destruir Wakanda, mas principalmente por uma vingança pessoal: seu tataravô, um dos colonizadores da África do Sul, foi morto pelo Pantera Negra ao tentar adentrar em Wakanda. Desta forma, Klaw reúne os mercenários Batroc, Rino, Homem Radioativo, Canibal e até mesmo o Cavaleiro Negro, dando início ao cerco à Wakanda. Os mercenários representam quatro nações ditas comprometidas com a civilização da África, sendo elas: Bélgica, França, Estados Unidos e Grã-Bretanha. Todavia, o que eles descobrem na prática, é que esse não é um feito simples de se realizar.

Assim como na HQ “Black Panther: who is the Black panther?”, a ruptura da ordem decorre da invasão de outros países nas terras wakandanas, no romance “Os estandartes” de Aline França, há uma ruptura na narrativa decorrente do aparecimento de um “estranho” no povoado de Kanda: “Pois bem, disse o estranho, sou candidato, estou em campanha política. [...] Ah... meu nome é Aloísio. [...] com um salto ele uniu as duas pontas da corda e disse meio encabulado: Vocês vivem isolados e organizados.” (FRANÇA, 1995, p. 51). Característico das obras de Aline França: o homem branco aparece nas suas narrativas como ameaçador da harmonia ou da “normalidade” do ambiente do negro. Assim, o homem branco desconhece e estranha à cultura negra, tornando-se exemplo de arrogância e do desejo desmedido pelo poder, dinheiro e bens materiais. Dessa forma, em “Os estandartes” o homem que tem por nome Aloísio surge na narrativa simbolizando a invasão do estranho, do desconhecido.

Em ambas as obras, a civilização europeia ou a mentalidade dela decorrente, representada por sujeitos brancos, aparecem como uma “máquina complicada e corrupta”, em contraposição ao perfil não apenas dos fortiafri, mas também dos wakandanos. Partindo desses pressupostos, o ocidente almeja apenas explorar as terras, são eles a marca da ambição, arrogância, crueldade e os porta-vozes do preconceito, e intolerância. No caso de Wakanda, durante a narrativa pode-se perceber uma crítica religiosa, pois até mesmo a Igreja deseja converter os “pagãos”, numa clara lembrança das Cruzadas Sagradas, como na fala de um dos personagens: “[...] são um bando de

infiéis animistas. Toda aquela tecnologia e eles continuam rezando pro “Deus Pantera”! É por isso que temos que converter Wakanda custe o que custar!” (HUDLIN & ROMITA, 2014, p. 71). Logo, percebe-se o interesse do roteirista pela acentuação do pensamento branco hegemônico, que considera os negros inferiores devido as suas especificidades culturais, notadamente religiosas.

Apesar de caber ao rei T’Challa garantir a normalidade e estabelecer o controle em Wakanda, ao longo da invasão dos mercenários, o escritor Hudlin revela que o Pantera Negra não é a única força de Wakanda. Os wakandanos são guerreiros leais ao seu povo e rei, a grande maioria faz o que está ao seu alcance para defender sua nação, mesmo que para isso sacrifícios devam ser feitos, como na fala da mãe de T’challa: “Eu já vivi bastante, filho! Vou morrer lutando! Faça o que for necessário para salvar Wakanda!” (HUDLIN & ROMITA, 2014, p. 122). Nesse sentido, eles medem-se apenas pelo que é necessário e bom para a comunidade, nunca pelo interesse individual.

Considerações finais

O romance “Os estandartes” e a HQ “Black Panther: Who is the Black Panther?” transitam em diferentes espaços e tempos, à medida que centralizam e potencializam vozes antes marginalizadas. O povo Fortiafri, e os Wakandanos, em especial o super-herói Pantera Negra, rememoram inúmeras personalidades que lutaram contra a discriminação e o apagamento das culturas negras. Assim, a ficção torna-se espaço de reflexão e de criação de uma nova realidade, onde se podem conferir novos sentidos a vida. De modo que, alimenta a luta contra a dependência, e contra a objetificação do ser, e se estabelece como dispositivo revolucionário, em que o confronto com o existente determina a reconstrução da relação entre o ser e tudo que está ao seu redor.

Referências

CASSAL, Alex de Barros. **A solidão do herói**: prisão, clandestinidade, exílio e outros isolamentos no cinema brasileiro. Rio de Janeiro: mimeo, 2001, p. 8.

CAETANO, José Marcelo. **Itinerários africanos**: do colonial ao pós colonial nas literaturas africanas de língua portuguesa. Revista fênix: revista de história e estudos

culturais. Vol 4 Ano IV n2 2007. Disponível em: www.revistafenix.pro.br. Acesso em: 06/04/2016.

CHAVES, Wanderson da Silva. **O Partido dos Panteras Negras**. Revista Topoi: Rio de Janeiro, v.16, n.30, p. 359-364, jan./jun.2015.

DIRLIK, Arif. **The postcolonial aura: third world criticism in the age of global capitalism**. Critical Inquiry, v. 20, p. 352, 1994; PRYTHON, Angela. Famecos, Porto Alegre, n. 21, ago. de 2003.(quadrimestral). Disponível em: <http://www.pucrs.br/famecos/pos/revfamecos/21/a04v1n21.pdf>. Acesso em: 03/04/2016.

EVARISTO, Conceição. **Literatura negra: uma voz quilombola na literatura brasileira**. Disponível em: <http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:6UrQxae6g9cJ:bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/aladaa/evaris.rtf+&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br> . Acesso em: 15/01/2016.

FRANÇA, Aline. **Os estandartes**. Rio de Janeiro: Ed. BDA- Bahia, 1995.

HUDLIN, Reginald; ROMITA JR, John. **Pantera Negra: quem é o Pantera Negra?**. São Paulo: Ed. Salvat, 2014.

LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre. **História: novos objetos**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1985.

MANNHEIM, Karl. **Ideologia e utopia**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1976. Revista Espaço Acadêmico, nº 96, maio de 2009. Disponível em: <http://www.espacoacademico.com.br/096/96ozai.pdf>. Acesso em: 15/04/2016.

MATA, Inocência. **A literatura africana e a crítica pós-colonial: reconversões**. Luanda: Editorial Nzila, 2007.

SANTOS, Luis Alberto Ferreira Brandão; OLIVEIRA, Silvana Pessoa de. **Sujeito, tempo e espaço ficcionais: introdução à teoria da literatura**. São Paulo: Martins Fontes, 2001, p. 73.

SILVA, Ana Rita Santiago da. **Vozes literárias de escritoras negras baianas: identidades, escrita, cuidado e memórias de si/nós em cena**. Salvador, p. 98-105, 2010.

ZAGO, Antonio. **Mistérios do número sete**. Revista Planeta, nº 84, 1979. In: <http://www.frenteirasul.org.br/sete.htm>. Acesso em: 03/03/2016.